

Conferência do Conselho Mundial da Paz contra a OTAN
Bruxelas, Bélgica | 24/05/2017
Socorro Gomes, Presidenta do Conselho Mundial da Paz

Companheiros e companheiras,

Permitam-me primeiro expressar nossa grande apreciação aos nossos amigos da INTAL pela acolhida e pelo empenho na organização das importantes atividades destes dias, e aos amigos do Conselho Mundial da Paz.

Reunimo-nos novamente no contexto de mais uma cúpula da máquina de guerra do imperialismo, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). No momento em que nos reunimos na capital belga, são graves as ameaças que pairam sobre os povos e a paz mundial. Uma conjuntura internacional em que prevalece como o traço mais saliente a brutal ofensiva das potências imperialistas, principalmente Estados Unidos e União Europeia, que pretendem impor a sua hegemonia política e econômica por meio do intervencionismo.

Em um evento de tal magnitude, reafirmamos o nosso vivo empenho para reforçar as campanhas comuns e coordenar ações. Reiteramos a solidariedade aos povos agredidos e ameaçados. Temos a firme convicção de que é possível deter as guerras em curso e evitar a conflagração geral.

Não podemos permitir que a OTAN, este braço armado do império, continue ameaçando a sobrevivência da humanidade.

Neste contexto de graves ameaças aos povos e na iminência de uma guerra generalizada e de proporções inéditas, é imprescindível e deve ser contínua a ação ampla, coordenada, massiva e unitária do Conselho Mundial da Paz (CMP) pelo fortalecimento desta luta. Por isso, somamo-nos às amplas forças consequentes e anti-imperialistas em uma frente comum contra o aparato de opressão e guerra montado pelos Estados Unidos e seus aliados da União Europeia (UE), além dos seus cúmplices nas diversas regiões em tensão, como o Oriente Médio, a África, a Ásia e a América Latina.

É nosso dever continuar denunciando o uso dos pretextos supostamente humanitários, dos conceitos intervencionistas como a chamada responsabilidade de proteger, com o qual as potências imperialistas na verdade realizam massacres contra vilas e cidades, perpetram crimes inauditos contra os povos, criam um ambiente de insegurança, derrocam governos autônomos, destroem Estados soberanos, violam fronteiras, atropelam o direito internacional, criam o caos e fomentam conflitos e guerras de agressão.

A OTAN reúne sua cúpula durante esta semana nesta capital para sustentar o que não passa de uma máquina de guerra, reafirmando seus propósitos intervencionistas e os pretextos acima referidos para justificar novos ataques contra os povos e nações que lutam por sua independência.

Depois de muita fanfarronada durante a última campanha eleitoral, o presidente dos Estados Unidos, o ultraconservador Donald Trump vem reunir-se com os seus pares para reafirmar, conforme comunicado da Casa Branca, o “firme compromisso” dos Estados Unidos com a OTAN e debater “questões cruciais” para a aliança agressiva, especialmente a “responsabilidade compartilhada” entre seus membros.

A OTAN é um instrumento estratégico para o imperialismo estadunidense e as potências da União Europeia. O jornalista italiano Manlio Dinucci publicou uma importante reflexão em 2016, caracterizando a Aliança Atlântica como uma bandeira dos Estados Unidos na Europa: “Após o fim da guerra fria - afirma-, em 1992, Washington sublinhava a ‘importância fundamental de preservar a Otan como canal de influência e participação estadunidenses nos assuntos europeus, impedindo a criação de dispositivos unicamente europeus que minariam a estrutura de comando da Aliança’, a saber, o comando dos Estados Unidos.

Ele pontua que “22 dos 28 países da União Europeia, com mais de 90% da população da União, fazem hoje parte da Otan, sempre sob comando dos EUA, o que é reconhecido pela UE como ‘fundamento da defesa coletiva’. Fazendo pressão sobre os governos do Leste, mais ligados aos EUA que à UE, Washington reabriu a frente oriental com uma nova guerra fria, quebrando os crescentes laços econômicos entre a Rússia e a UE, perigosos para os interesses estadunidenses”.

Neste contexto, o Conselho Mundial da Paz compromete-se reiteradamente, como fizemos na Assembleia de 2016 no Brasil, com o reforço da campanha “Sim à Paz! Não à OTAN!”, que nos tem mobilizado em nossos países de forma coordenada ou em conjunto, para mantermos ativa a luta contra esta ameaça à humanidade.

A militarização acelerada, a modernização e disseminação dos arsenais nucleares, as quase mil bases militares estrangeiras esparramadas pelo mundo, as frotas de guerra patrulhando mares e oceanos, prontas para atacar os povos e saquear os recursos das nações, impondo ao globo o domínio e os desígnios do império, como uma autoproclamada polícia universal, são expressões desta política que os meios de comunicação, porta-vozes desta lógica, insistem em tentar normalizar.

Não nos submeteremos a isso. No momento desta cúpula da OTAN em Bruxelas, voltamos a denunciar a falência de um modelo de política de cerco e agressão que vitima os próprios povos agredidos, seja na África ou no Oriente Médio, e também os povos dos seus próprios países, seja nos EUA ou na Europa.

A insistência da liderança imperialista – sempre o Comando é estadunidense – na sustentação da OTAN e as repetidas revisões e atualizações dos seus conceitos estratégicos devem ser por nós denunciadas constantemente. Mais uma vez, trata-se de denunciar que os pretextos inventados para a sustentação de uma aliança beligerante e anacrônica não passam disso, pretextos, para encobrir o fato de que a OTAN representa uma real ameaça aos povos de todo o mundo.

A OTAN tenta afirmar-se como uma aliança poderosa que impõe a “dissuasão”, realizando constantemente demonstrações de força para provocar o temor generalizado. Em diversos países, porém, estas demonstrações não são apenas imagens na tela de uma TV, são famílias e povos inteiros dizimados, nações inteiras devastadas, governos derrubados, soberanias arrasadas. Lembremo-nos da Iugoslávia e da Líbia, atentemo-nos para o Mali, o Iêmen, a Síria, o Iraque e o Afeganistão, países e regiões que são cenários de peças importantes da atual tragédia da humanidade.

Para sustentar tudo isso, os EUA insistem, com a concordância ou a obediência dos países membros da OTAN, no gasto de 2% ou mais dos PIBs nacionais no setor da guerra, mesmo quando estes países se encontram mergulhados numa crise econômica sistêmica e estrutural de profundidade e escopo inéditos, lançando milhões de pessoas ao desemprego, à miséria e à pobreza, tendo seus direitos mais básicos suspensos ou vilipendiados em nome de uma “austeridade” seletiva e ofensiva.

Parte de um abrangente complexo industrial-militar, a OTAN funciona também como uma sede de leilões de guerra. Já à época de George W. Bush, a então secretária de Estado, Condoleezza Rice, atraía grandes negócios no macabro festim do massacre da nação iraquiana, oferecendo “oportunidades de negócios” para a “reconstrução”, com suas diversas operações e agências, inclusive as relativas à pesquisa e desenvolvimento num setor militar terceirizado ou privatizado.

A produção de artefatos de guerra continua um negócio lucrativo. Segundo o Instituto Internacional de Estocolmo de Pesquisas da Paz (Sipri), em 2015 as empresas estadunidenses continuavam a liderar o ranking das vendas de armas, atingindo naquele ano US\$ 209,7 bilhões. Empresas europeias aumentaram suas

vendas em 6,6% no mesmo ano, quando faturaram US\$ 95,7 bilhões. Seis empresas francesas destacam-se no aumento das vendas, fazendo negócios principalmente com o Egito e o Catar, segundo o instituto. Outras três empresas alemãs também aumentaram suas vendas.

Estas tendências enquadram-se no aumento dos gastos militares. Ainda de acordo com o Sipri, um trilhão e 686 bilhões de dólares foram gastos no setor em 2016 em todo o mundo (2,2% do PIB global), embora as tendências variem de acordo com as regiões. Os EUA continuam gastando quase três vezes mais do que o segundo maior gasto militar, o da China. Em 2016, foram US\$ 611 bilhões para o setor militar estadunidense, enquanto a China dedicava US\$ 215 bilhões ao seu. Na Europa Ocidental, os gastos militares também aumentaram 2,6% em 2016, principalmente na Itália (um aumento de 11% com relação a 2015).

Além de tudo isso, em Bruxelas, a OTAN mudou de sede, transferindo seu aparato burocrático, agências e central de operações para um novo edifício, o que custou 1,1 bilhão de euros, segundo a organização. Dali, os aliados de uma entidade beligerante colocarão em prática planos como os acordados na última cúpula em Varsóvia, onde os defensores da paz e o CMP também se mobilizaram em importante protesto.

Entre os planos beligerantes da OTAN, destaca-se o acordo dos seus membros de aumentar a presença militar da aliança no Leste Europeu, nomeadamente na Estônia, Letônia, Lituânia e Polônia, com batalhões ditos “defensivos”, no quadro das provocações contra a Rússia. Quatro batalhões devem estar ativos em junho, segundo a própria aliança. Além disso, também deve ser projetada a presença militar na Romênia, que a aliança chamou de “nosso flanco sudeste”, incorporada à maior presença militar no Mar Negro.

Na Ucrânia, onde os habitantes do leste do país seguem agredidos pelas forças de um governo fascista legitimado e apoiado pela UE e pelos EUA, a OTAN pretende oferecer um “pacote de assistência abrangente” às suas instituições ditas de “defesa e segurança”. Assim, são coincidentes com estes planos os ataques perpetrados pelo Exército ucraniano contra regiões como Donetsk, onde a população é vítima de bombardeios e busca sobreviver a um verdadeiro cenário de guerra sob o pretexto de “promoção da democracia”.

No processo de militarização da UE, os membros da OTAN também concordaram em estreitar os laços institucionais entre as duas organizações, como nas operações no Mar Mediterrâneo contra, de acordo com os próprios, “a imigração ilegal, o terrorismo e outros desafios”, como se todos fossem ameaças genéricas sem precedência. É assim que consideram, por exemplo, a tentativa desesperada dos milhões de refugiados, pessoas vítimas das guerras promovidas pela própria

OTAN, de se salvarem na Europa. Os membros da OTAN também concordam em que a cooperação OTAN-UE deve ser intensificada nas áreas das chamadas “ameaças híbridas, operações de defesa cibernética, capacidades de defesa, apoio à indústria da defesa, exercícios e treinamento e capacitação dos parceiros”.

Não bastasse a devastação e desestabilização regional, a OTAN continuará no Iraque, alegadamente para dar treinamento às tropas nacionais na luta contra o autoproclamado “Estado Islâmico”, fermentado justamente no caldo das invasões imperialistas, e também compromete-se a “prestar assistência” operacional, sobretudo aérea, na região.

Os membros da OTAN definiram ainda o ciberespaço como um “domínio operacional”, na tendência da sua militarização e transformação num teatro de operações. Também declararam o início da capacidade operacional do sistema de mísseis balísticos (que classificam de “sistema defensivo de mísseis balísticos”), integrando as funções dos navios estadunidenses baseados na Espanha, o radar na Turquia e a instalação interceptadora na Romênia.

As tropas da OTAN também continuarão no Afeganistão até 2020, segundo as resoluções da cúpula em Varsóvia, alegadamente para o treinamento nacional. Desde a invasão pelos EUA em 2001, o país segue sob o domínio estrangeiro e a população sob constante ameaça.

A Otan também está implicada na guerra contra a Síria, onde um povo valente segue resistindo após seis anos de devastação, de ofensivas constantes sobre suas vidas e sua soberania. Na vizinha Turquia, desenvolve uma parceria estreita com o governo, instalando um sistema dito de defesa aérea e mediando a chamada “partilha nuclear”, através da qual os EUA abrigam em solo turco dezenas de ogivas. Como todos sabemos, o governo turco tem sido uma das principais forças empenhadas na luta para derrocar o governo sírio.

A estratégia belicista do complexo EUA-UE-OTAN se volta contra os estados nacionais soberanos e as lutas políticas das massas populares e trabalhadoras e correntes democráticas, patrióticas e progressistas.

A essa estratégia é funcional a disposição geral das forças do Pentágono e da OTAN. O mundo, de acordo com essa estratégia, é dividido em “áreas de responsabilidade”, cada uma confiada a um dos seis “comandos combatentes unificados” dos Estados Unidos cobrindo a América do Norte, a América do Sul, a Europa, a África, o Oriente Médio e Ásia, e a região Ásia-Pacífico. A Otan está inteiramente inserida nessa estratégia e cadeia de comando, sob a liderança geral dos Estados Unidos.

Atualmente estão em curso diversas operações políticas e militares tendentes à desestabilização de governos progressistas, à criação do caos e ao fomento de conflitos em regiões e países em que o imperialismo pretende intervir. Da guerra aberta aos golpes ditos “brandos”.

A América Latina, que nas últimas duas décadas tem vivido experiências positivas de governos democráticos, patrióticos e progressistas, que defendem a independência, ativam mecanismos para promover a justiça social, impulsionam a integração soberana entre povos e o desenvolvimento nacional, encontra-se hoje no alvo de tais operações. Nesse contexto, consumou-se um golpe de Estado no Brasil e gestam-se gravíssimas ameaças à Revolução Bolivariana da Venezuela e ao legítimo governo patriótico, democrático e popular do presidente Nicolás Maduro.

Por isso, reiteramos a gravidade desta tendência e a urgência da nossa mobilização para fortalecer a campanha do CMP, “Sim à Paz! Não à OTAN!”. Devemos investir na unidade de ação com as forças anti-imperialistas e amantes da paz nesta e em outras frentes, pela dissolução da aliança de guerra e para barrar a militarização do planeta, as ameaças contra os povos de todo o mundo e a guerra generalizada. Juntos e somente juntos, nós, povos do mundo, podemos denunciar estes planos belicistas e impedir as guerras!

Por estes dias, também quero reafirmar nossa solidariedade aos bravos prisioneiros palestinos em greve de fome!

O imperialismo não é invencível e será derrotado! Imperialismo!

Não à Otan! Sim à Paz!